

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA-UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Claudemir Pinheiro

**CASAMENTO KAINGANG: PASSADO E PRESENTE DA TERRA INDÍGENA
XAPECÓ**

Florianópolis SC
2015

Claudemir Pinheiro

HUMANIDADES: ÊNFASE EM DIREITO INDÍGENA

**CASAMENTO KAINGANG: PASSADO E PRESENTE DA TERRA INDÍGENA
XAPECÓ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para
mais obtenção do título de graduado em Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica,
sob orientação do prof. Sandor Fernando Briggmann

Florianópolis SC
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 28 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 14 horas, na Sala 310 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador e Presidente, Sandor Fernando Bringmann; Professora Dr.^a Ninarosa Mozzato da Silva Manfroi, Titular da Banca, e Professora Dr.^a Ana Lucia Vulfe Nötzold, Suplente, designados pela Portaria nº 71/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Claudemir Pinheiro, subordinado ao título: **“Casamento Kaingang: Passado e Presente na Terra Indígena Xapecó”**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Sandor Fernando Bringmann, a nota...10, da Professora Ninarosa Mozzato da Silva Manfroi, a nota...10., e da Professora Ana Lucia Vulfe Nötzold, a nota...10.; sendo aprovado com a nota final...10.. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 28 de Janeiro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. *Sandor Bringmann*

Prof. *Ninarosa Mozzato da Silva Manfroi*

Prof. *Ana Lucia Vulfe Nötzold*

Candidato *Claudemir Pinheiro*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Claudemir Pinheiro , matricula n.º11100034, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **CASAMENTO KAINGANG: PASSADO E PRESENTE DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 15 de Março de 2015.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Sander', written over a faint circular stamp or watermark.

Prof. Ms. Sander Fernando Bringmann

Orientador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que em momentos e aspectos diferentes e por diversas razões colaboraram para a realização deste trabalho. Em primeiro momento a Deus e pôr fim ao professor Sandor Fernando Brigmann, professor inspirador e orientador. Sua lucidez e erudição muito contribuíram para minhas modestas reflexões.

Aos meus colegas e amigos kaingang que também estiveram juntos durante esse tempo de quatro anos de estudos e aos amigos inseparáveis Getúlio e Charles, que sempre de perto acompanharam esta longa jornada na alegria e na dificuldade, sempre me apoiaram me dando força para ir em frente.

Agradeço aos amigos e funcionários da secretaria do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Também aos funcionários e amigos do Curso de História da UFSC, que sempre foram atenciosos e prestativos quando precisei.

Quero agradecer também as pessoas do LABHIN, em especial a professora Ana Lucia Nötzold, a professora Helena Alpini e os demais colegas bolsistas que de uma forma e de outra estiveram junto nesta jornada, conversando e dando força para chegar com honra no final desta faculdade.

Também meu pedido de desculpa e agradecimentos vai para todos meus filhos: Roziane Pinheiro, Eliel Pinheiro, Eliedson Pinheiro, Elivelton Pinheiro minha netinha Gymã Pinheiro, pela minha ausência em momentos tão belos que foram entendidos com carinho e compreensão de todos, ao mesmo tempo dizer que sou muito grato também pela compreensão de minha esposa Delair de Aparecida Alves que mesmo na dificuldade soube relevar e me dar força quando precisei.

A todos meus irmãos e meu cunhado, que sempre me incentivaram em todos os momentos difíceis destes anos de curso que enfrentei. Obrigado pela paciência. Sou também especialmente grato as pessoas kaingang da TI Xapecó, pela força e vontade em me ajudar em suas entrevistas para definição deste trabalho.

O meu último obrigado vai para a professora Ninarosa Manfroi, que gentilmente aceitou o convite para participar da banca de defesa deste TCC.

RESUMO

A partir do contexto cultural, a presente pesquisa aborda as temáticas de casamento no passado e na atualidade entre os kaingang da Terra Indígena Xaçecó (SC). A intenção desta pesquisa é investigar se ainda acontece casamento tradicional ou só casamento da atualidade. Nesta ocasião será discutido ao longo da pesquisa alguns conceitos que eram muito importantes nos casamentos, entre eles estão: as definições de cultura, identidade e etnia. Embora nos utilizemos de algumas referências bibliográficas para o desenvolvimento deste estudo, é a metodologia da história oral que predomina na pesquisa, através das entrevistas com os velhos e jovens kaingang da Terra Indígena Xaçecó.

Palavras- Chaves: Casamento Kaingang, TI Xaçecó, Atualidade, Passado.

RESUMO EM KAINGANG

Kỹ ẽg kultura kãmén ki, vẽnhrá tag vỹ prũg fã já mré uri to kej ke vễ, Kanhgág tỹ Sapekosi ki ãmã ẽn ag to ke vễ. Nén ù to vej vỹ ẽg kutura ki prũg já mré uri to ke nĩ. Ẽn ki vỹ ẽg mỹ há já ẽn to vỹj ke nĩ vỹ tỹ: ẽg mỹ há ẽn, ẽg kutura, ẽg tũ pẽ mré kãme ag to ke vễ, sỹ ù mré vãmén to. Mré vẽnhrán tag vỹ tỹ vẽnhrá mág ù to ke jé há nĩ, hẽn ri ke mũn.

Rán vỹ: Kanhgág Prũ Já to ke nĩ, mré ùri prũg to ke nĩ

Lista de colaboradores:

- José Inácio (kamrég), 72 anos, **kujá da aldeia Olaria** (TIX).
- Dona Divaldina Luíz, 72 anos, **remedieira da Aldeia Pinhalzinho** (TIX).
- Jurema da Silva (Rimũká), 63 anos, **residente na Aldeia Olaria** (TIX).
- Margarete Pinheiro (kanhri) 39 anos, **residente na Aldeia Sede** (TIX).
- Claudemir Pinheiro (Kurã kág), 41 anos, **residente na Aldeia Olaria** (TIX).
- Pedro Pinheiro, 64 anos (Sogjo), **residente na Aldeia Olaria** (TIX).
- Meus irmãos colaboradores, residentes na Aldeia Olaria (TIX).

Lista de ilustrações

Figura 1. Mapa com a localização da TI Xapecó.....	16
Figura 2. Autor em entrevista com Dona Divaldina Luiz.....	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
------------------------	----------

CAPITULO I. POVO KAINGANG- PASSADO E PRESENTE.....	11
1.1. História Kaingang antes do Contato com os Europeus.....	10
1.2. A História Kaingang a partir do contato.....	12
1.3. Histórico da Terra Indígena Xaçecó (T. I. X).....	14
1.4. A cultura kaingang da Terra Indígena Xaçecó.....	17
CAPÍTULO II. CASAMENTO KAINGANG NO PASSADO.....	21
2.1. O casamento kaingang do passado nas narrativas dos Kófa.....	21
2.2. A preparação para os casamentos.....	24
2.3. As tarefas que os homens tinham que cumprir para garantir o sustento da família.....	26
2.4. Onde os noivos iam morar após o casamento.....	27
CAPÍTULO III. CASAMENTO KAINGANG NO PRESENTE.....	29
3.1. Os casamentos e o sentimento dos jovens.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

INTRODUÇÃO:

Este estudo trata de uma pesquisa com pessoas mais velhas, (**kujá ag**) e lideranças

da Terra Indígena Xaçecó, no qual busco compreender como eram realizados os casamentos kaingang no passado e como acontece hoje. Pretendo levar ao conhecimento da nova geração e futuros guerreiros da nossa etnia como se configurava essa parcela da nossa cultura no passado e como ela vem sendo desenvolvida no presente.

Neste sentido, busco refletir sobre como era nossa cultura antes do contato com a civilização envolvente e apresentar dados que indicam que nos dias de hoje a gente está mais adaptado com a cultura do não indígena e deixando a nossa em segunda opção. Além disso, este TCC tem como objetivo ajudar a nossa futura geração, para que eles sempre tenham em suas lembranças e em suas memórias esta importante característica da nossa cultura, lembrando para as crianças, adolescentes e jovens que tudo isso não pode ser esquecido. Também pretendo contribuir para que essa nova geração aprenda a fazer uso das fontes vivas que ainda estão em nosso meio, através das memórias dos nossos velhos (**kófas**), que tem um armazenamento muito grande de conhecimento em suas bagagens.

Digo ainda se nós soubermos fazer uso disso tanto na escola quanto em nossas comunidades isso nunca será só mais uma história que aconteceu, mais sim, sempre se manterá como uma história viva em nossa mente. E isso para nós já será um grande gesto de uma pequena sobrevivência de nossa cultura e porque não dizer de nossa identidade.

Dividi essa pesquisa em três capítulos, onde apresento os principais aspectos da cultura Kaingang e da pesquisa que pretendi fazer. No capítulo 1, intitulado “Povo Kaingang: Passado e Presente”, trago informações sobre as vidas dos Kaingang da região sul antes do contato com a sociedade envolvente e depois desse contato. Trago também informações sobre a criação da Terra Indígena Xaçecó no oeste de Santa Catarina e como os Kaingang dessa área indígena conservam sua cultura.

No capítulo 2, com o título de “Casamento Kaingang no Passado”, vou direto nas memórias dos **Kofás** para aprender um pouco mais sobre as cerimônias antigas, sobre como eram os tratamentos entre homens e mulheres antes dos casamentos, se as mulheres tinham restrições ou resguardos antes do casamento. As memórias dos velhos kaingang foram importantíssimas para saber maiores detalhes sobre os casamentos dos tempos antigos, conforme eles mesmo falam.

Para saber como acontecem os casamentos na atualidade, escrevi o capítulo 3 com o título de “Casamento Kaingang na Atualidade”. Neste capítulo, trago a memória e os sentimentos dos **Kófa** sobre as mudanças que ocorreram na atualidade, junto com

os sentimentos dos jovens que hoje não obedecem as regras de casamentos dos antigos. Os **Kófa** querem que isso volte ao que era, mas os jovens preferem a moda nova, pois não querem compromisso.

Espero poder contribuir com essa pesquisa para que índios e não índios tenham conhecimento de nossa cultura kaingang, que é tão rica, mas que aos poucos vai sendo influenciada pela cultura de fora, dos brancos. Nossa luta de todo dia é pra que a cultura seja revitalizada e que os kaingang voltem a ter orgulho de ser índios.

CAPITULO I- POVO KAINGANG- PASSADO E PRESENTE

1.1. História Kaingang antes do Contato com os Europeus

Os nossos kaingang foram no passado e são ainda hoje um povo bastante numeroso, que pertencem ao grupo linguístico jê. Historicamente, esse povo habita os territórios que demarcam os atuais estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, desde muito tempo antes da marcação das suas fronteiras, quando andavam livres pelas matas e campos destas regiões.

As primeiras formas de habitação utilizadas por esses kaingang foram os acampamentos a céu aberto, ou seja, dormiam ao ar livre, ou em abrigos sobre pedras. Então a maior parte dos sítios arqueológicos estudados encontram-se ao ar livre, não sendo muito comum a ocupação de cavernas ou abrigos. A partir de 2000 anos antes do presente, esses grupos passaram por várias mudanças culturais, entre elas, observamos uma grande transformação na forma de habitação.¹

Surgem então o que muitos arqueólogos e historiadores chamam de casas subterrâneas, que podem ser isoladas ou em conjunto. Alguns conjuntos podem possuir dezenas de casas, mas de um modo geral este fato é raro. Estas estruturas comumente denominadas (EspaçoReservado1) nestas casas subterrâneas estão presentes entre muitos grupos indígenas brasileiros. A grande maioria das estruturas eram residências, medindo uns dois metros de profundidade e entre quatro e cinco de largura.

Os antepassados dos atuais Kaingang viviam da caça, da pesca e da coleta de frutas da natureza, sendo descritos nos livros e outras fontes históricas como seminômades. Segundo Pierre Matilde, “a base de alimentação era o pinhão, sendo que o pinheiro também usado para dividir o território de cada aldeia”². Assim o limite entre um território e outro é assinalado na lasca de um pinheiro que servia de marco de divisa.

As aldeias eram geralmente pequenas e mantinham entre si uma comunicação através de picadas que, porém, eram pouco trilhadas. Quando havia motivos de castigar ou atacar uma aldeia do mesmo povo ou de povos inimigos, como os guaranis, faziam a declaração de guerra, fixando em sendas umas flechas.³ Quando, pelo contrário, pretendiam convidar para alguma festa, colocavam no chão umas espigas de milho, dispostas em círculo e suspendiam outras em árvores. Nos dizeres de Maria Conceição Oliveira:

¹ Dados apresentados no site: socioambiental.org/pt/povo/kaingang/287.

² MABILDE, Pierre A. Booth. **Apontamentos Sobre os Indígenas Selvagens da Nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul**. São Paulo: IBRASA;INL Fundação Nacional Pró-Memória, 1983. p. 38.

³ Becker. Itala. **O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul**. Pesquisas. Unisinos, IAP. 1975. p. 12.

Para conhecer mais a origem do povo kaingang devemos analisar o contexto de entrada dos primeiros grupos na região sul, especificamente nas florestas subtropicais do planalto meridional, um horizonte que se estende pelos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e atinge os países da Argentina e Paraguai.⁴

Na região Sul, a cobertura florestal caracterizava-se pela presença de araucárias, árvore de grande porte, além da matéria prima, e gerava a base da dieta alimentar dos grupos habitantes dessa região: o pinhão, alimento muito nutritivo. A fauna caracterizava-se por animais de pequeno porte.

E a caça foi fundamental para sobrevivência desses grupos. Foi neste contexto ambiental que aqui chegaram e adaptaram-se gradativamente os primeiros homens kaingang. Estes homens exploravam o meio em que viviam de acordo com a época do ano, dando assim origem a diversos sítios arqueológicos que hoje são estudados para explicar a vivência desses indígenas antes do contato.

1.2. A História Kaingang a partir do contato

As notícias sobre os Kaingang quase não existem no primeiro século do contato, isto é, no século XVI. Os primeiros registros sobre esse povo são relativos às reduções

⁴ Oliveira, M. C. **Os Curadores Kaingang e a Recriação de suas Práticas**: estudo de caso na Aldeia Xapécó (oeste S.C). Dissertação (Mestrado em Antropologia social). Florianópolis, UFSC, 1990.

jesuítas do Guairá, entre 1626 e 1630. Porém, nessa época nossos antepassados eram conhecidos como Guachos, Guañanas, Goianás ou Guauanas, denominação que os portugueses deram ao Kaingang nos seus textos e documentos.⁵ Estes nomes se referiam aos Kaingang que hoje ocupam os três estados do sul do Brasil mais São Paulo.

A história de contato entre os não índios e os kaingang dos quatro estados está de certa forma entrelaçada, pois todos foram vítimas de expansão capitalista, realizada em vários períodos da história do Brasil. As frentes de expansão contra os indígenas kaingang e suas terras iniciaram com os bandeirantes, que no século XVII moviam execuções de caça ao índio contra as reduções jesuíticas, com objetivo de escravizar os guaranis. Podemos dizer que essas guerras continuam até os dias atuais, com os latifundiários e granjeiros que tentam tomar as terras dos índios.

Segundo Nötzold, os kaingang foram até o ano de 2000, um dos maiores grupos indígenas presente no país, distribuídos em 28 Terras Indígenas, com um total de 20.000 indivíduos. Sendo 2 Terras Indígenas em São Paulo, 11 no Paraná, 4 em Santa Catarina e 11 no Rio Grande do Sul.

No que diz Ítala Becker, “no Rio Grande do Sul, na região do alto Uruguai é que se estabeleceram os indígenas e é também nesta região que se deu a forte extensão para exploração das riquezas naturais como a madeira e a erva mate ali existente.”⁶ Para exploração dessas riquezas houve um grande fluxo migratório, que segundo Marcon, formaram as “propriedades de minifúndios”.⁷

A grande entrada de colonizadores europeus na região de ocupação Kaingang só ocorreu no começo do século XIX. Isso graças à política de colonização do Império, que promoveu a entrada de milhares de pessoas nas terras habitadas pelos índios kaingang, principalmente na região sul, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

No Paraná, a frente de colonização, em especial expansão da pecuária na região de Palmas e Guarapuava de acordo com Marcon, “causou grandes conflitos entre os indígenas e colonos, forçando um processo migratório dos kaingang, devido a expropriação das terras, os indígenas foram forçados a retirar-se para outras regiões, principalmente para a província de São Pedro”.⁸ De acordo com Nötzold, “com a ocupação dos campos de Guarapuava o objetivo era expandir a conquista dos campos de

⁵ Becker, 1975, p. 35.

⁶ Ibid.

⁷ Marcon. T. **História e cultura kaingang no sul do Brasil**. Passo fundo. Gráfica ed. Universidade de Passo Fundo.1994. p. 64.

⁸ Ibi. p. 61.

Palmas para abrir caminho para as missões no Estado do Rio Grande".⁹

E por volta de 1850, a coroa cria a Lei de Terras que também expropria o proprietário natural da terra, pondo em fim ao que se chamava de regime das posses livres. Então a partir desta data, as terras seriam vendidas para fins colonizadores. Esta Lei colocava os indígenas em conflito direto com os novos proprietários das terras.

No oeste de São Paulo, segundo Melatti, a colonização da área pertencente aos kaingang foi realizada em três frentes.

A primeira frente foi dos criadores mineiros que procuravam a região devido as pastagens naturais. Foi por meio desta que se abriu o caminho para a marcha do café. A segunda frente, foi a expansão cafeeira, grande impulsionadora da economia no país, está aconteceu de 1880 a 1929 e fez surgir a estrada de ferro, que com seu avanço colocou em choque trabalhadores e indígenas com ação direta dos bugreiros. A figura dos bugreiros, criada pelas Companhias Colonizadoras cujo objetivo era afugentar os indígenas, para que não houvesse mais ataques nos caminhos de tropas. A terceira e última frente de expansão surge com a crise de 1929, que traz como consequência a queda do preço do café caracterizando o início de uma cultura diversificada. Os kaingang na última marcha de expansão, quando já estavam aldeados em postos criados pelo SPI, sofreram uma grande desvalorização devido as ações de bugreiros e epidemias.¹⁰

Em 1910 é criado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) que surge, segundo Nötzold, para calar o grande questionamento internacional sobre o extermínio dos indígenas no Brasil. O discurso criado pelo o SPI tinha o objetivo de justificar-se perante a comunidade internacional.

1.3. Histórico da Terra Indígena Xapecó (T. I. X)

De acordo com Nötzold: “na conquista dos campos de Palmas e na abertura do caminho até as missões os kaingang reagiram a essa ocupação, contra a táticas dos

⁹ Nötzold, Ana Lúcia. **Nosso Vizinho Kaingang**. Florianópolis, Editora UFSC, 2003. .op.88.

¹⁰ Melatti, D.M. **Aspecto da Organização Social dos Kaingang paulista**. Brasília. FUNAI. 1976, p.9-14.

invasores já empregadas na conquista dos campos de Guarapuava. Esta tática baseava-se em firmar amizades com grupos indígenas por meio de presentes conquistando assim sua confiança. Esta submissão aos invasores criou uma grande divisão entre os kaingang onde, quem se opunha à colonização era morto".¹¹ Nesse contexto ganha ênfase o nome de Vitorino kondá, que segundo Nötzold, foi a "figura que começou a destacar-se e que teria grande influência no destino do seu povo".¹²

Vitorino Kondá tem um grande histórico de trabalho a serviço dos fazendeiros e militares, no qual sempre desempenhou sua função na defesa dos colonizadores indo contra seu povo. Ele foi contratado pela província do Paraná para resolver a situação sendo nomeado Major. Conforme relato da memória kaingang, Kondá faleceu com idade avançada, no final do século XIX no Toldo Imbu (margem esquerda do Rio Chapecó Grande).

Em 1882, o governo do Paraná visando resolver problemas de fronteiras com a Argentina, criou em Xanxerê a Colônia Militar Xaçecó. Conforme Nötzold, seu objetivo era também aldear os indígenas, pois "a primeira tarefa do comandante da Colônia Militar, José Bernardino Borman, foi colocar os indígenas daquela região em aldeamento".¹³

A Terra Indígena Xaçecó foi doada em 1902, pelo governo do estado do Paraná aos kaingang que estavam aldeados em Formigas próximo do Chapecozinho, liderados pelo cacique Vanhkre. A área correspondente a 50.000ha foi doada em troca do pagamento aos indígenas por serviços prestados na abertura de uma picada para colocação de uma linha telegráfica.

Após a demarcação ocorrida em 1941, foi instalado o Posto Indígena devido ao esforço do juiz de direito em Chapecó Selistre de Campos. Nesta época o madeireiro Alberto Berthier foi mais um a querer se beneficiar das terras dos indígenas instalando serrarias onde serravam aproximadamente 3 mil dúzias de madeiras por mês.

Essas serrarias só foram desativadas quando devastou toda a área. E com grande parte da Terra Indígena devastada, acabou ocasionando a falta de matéria-prima para produção de artesanato de nossos antepassados. A caça e a pesca se acabaram e as ervas medicinais ficaram muito difícil para nossos kujás coletarem por falta de matas para realização destas e outras atividades.

¹¹ Nötzold, 2003, op.cit.p.72.

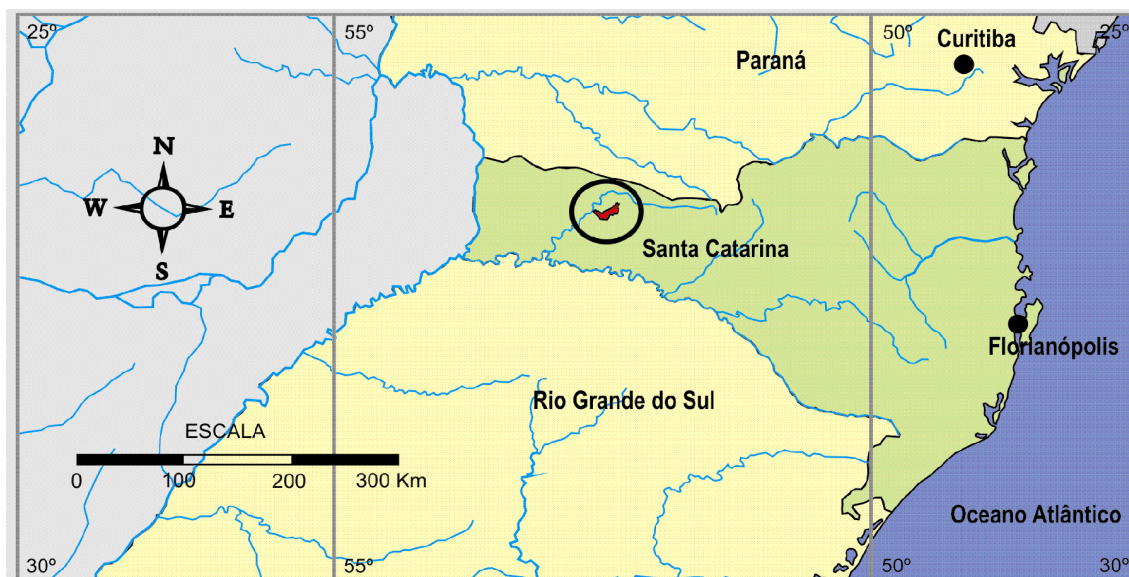
¹² Ibid. p.74.

¹³ Ibid, p. 80-82.

Sabendo que na ocupação do oeste de Santa Catarina os indígenas tiveram suas terras tomadas, na T. I. X. esta situação não foi diferente. Várias vezes as terras foram ocupadas por invasores. Este estado de exploração da T. I. X. levou, segundo Nacke, “a um esbulhamento da área reservada sendo que em 1965, quando veio o título definitivo de propriedade, restava aos indígenas apenas 15.009ha de terra demarcada”¹⁴

Atualmente vivemos numa área com aproximadamente 15.623ha, entre os municípios de Entre Rios, Bom Jesus e Ipuacu no Oeste de Santa Catarina, com uma população de aproximadamente 5.500 Indígenas.¹⁵ No mapa a seguir, indico onde está localizada a TI Xaçecó no estado de Santa Catarina:

Figura 1. Mapa com a localização da TI Xaçecó



Fonte: ALMEIDA, 2010.

Entre essa população há um pequeno grupo de guarani que vivem nas costas dos Rio Xaçecózinho e Chapecó grande, mais precisamente na Aldeia Limeira. Vivem na

¹⁴ Nacke, A. **O índio da terra a luta pela sobrevivência no P. I. Xaçecó SC.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). UFSC. Florianópolis.1983. p.48.

¹⁵ Nötzld, 2003.. p. 23-25

sua cultura, do plantio de milho, feijão, soja e criação de animais como: porco, galinha e bois. Hoje posso dizer que esse pequeno grupo de guarani vive em paz juntamente com os kaingang que também moram na aldeia.

A Terra Indígena hoje está dividida em 16 aldeias, cada aldeia vivendo de acordo com suas leis e modo de viver imposto por um cacique, um capitão geral, capitães locais e uma grande equipe de lideranças que dão segurança e um bom andamento da Terra Indígena Xapecó.

Hoje alguns indígenas Kaingang vivem de lavoura, criação de animais, alguns trabalham em frigoríficos próximos da aldeia nas cidades vizinhas. Também ainda tem aqueles que trabalham com o artesanato e tem o mesmo como fonte de renda da família, e outros funcionários que de uma forma e de outra contribuem com seu trabalho, é o caso dos professores, enfermeiros e mais os funcionários da FUNAI, como o chefe de posto que administra o escritório organizando e escrevendo documentos.

1.4. A cultura Kaingang da Terra Indígena Xapecó

Os depoimentos relatados aqui neste texto foram conseguidos através de entrevistas feitas com indígenas kaingang que nasceram e se criaram na Terra Indígena

Xapecó, e que têm um conhecimento muito rico sobre boa parte de nossa cultura. Até porque os depoimentos coletados destas pessoas são conhecimentos que eles ouviram e aprenderam com seus pais, avós e sábios mais velhos daqueles tempos, em que ainda nossa cultura era bastante forte em nosso povo.

De acordo com o depoimento dos índios kaingang **José Inácio (Kamrég), 72 anos, Pedro Pinheiro(Sogjo), 64 anos** ambos moradores da **Aldeia Olaria** e de dona **Divaldina Luís, 72 anos**, moradora da **Aldeia Pinhalzinho**, dizem eles que seus pais lhes contavam que por volta de **1930 a 1935** quando a Terra Indígena ainda não tinha muitas famílias kaingang morando ali, a nossa cultura era muito forte. Isso são histórias que nossos avós contavam para nós, diziam que aqui onde nós moramos hoje era só mato, um mato de muito pinheiro e muitas outras madeiras de leis, então nossos velhos viviam de acordo com suas culturas e aprendendo muitas coisas com a natureza e os animais que nela habitavam.

O senhor **José Inácio (Kamrég), 71 anos**, morador da **Aldeia Olaria** em seu depoimento diz: “naquele tempo nossos pais eram muito rígidos com nós quando se falava em casamento, na verdade isso para nós era algo de suma importância, até porque era o início de uma nova família, então a gente tinha que estar preparada quando chegasse esse momento”.¹⁶ Ele afirma ainda que:

...tanto moço quanto a moça tinha que ter no mínimo 18 anos de idade para poder assumir um matrimônio, além disso havia outras regras culturais a ser seguido, como: o rapaz tinha que ser trabalhador! Saber fazer roça, plantar ter criação de animais como porcos e galinhas. Assim ele era considerado um bom homem e que não iria maltratar sua esposa”.¹⁷

Meu pai, o senhor **Pedro Pinheiro (Sogjo), 64 anos**, também morador da Aldeia Olaria, complementa: “contava meu velho pai que nós homem já aprendia a realiza pequenas tarefas com nossos pais desde os 5 anos de idade e aos 13 anos a gente já começava a pôr nossos trabalhos em práticas, pra quando chegasse esse momento ou esta parte do matrimônio a gente já estivesse preparado, e que nós ia cuidar bem da nossa futura esposa”.¹⁸

Dona **Divaldina Luís, 72 anos**, moradora da Aldeia Pinhalzinho fala da idade e preparo que uma moça tinha que ter para poder assumir um matrimônio: “naquele

¹⁶ Inácio, José (Kamrég). Entrevista concedida a Claudemir Pinheiro em 24.10.2014.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Pinheiro, Pedro (Sogjo). **Entrevista concedida a Claudemir Pinheiro em 24.10.2014.**

tempo para uma moça se casar ela deveria ser considerada de maior ou seja ter 18 anos de idade, saber cuidar de uma casa, saber fazer comida, lavar roupa ser companheira de seu esposo, e seus maiores conselhos era, não ter ciúme um do outro, que isso poderia ser a maior doença que acabasse com a separação de um casal”.¹⁹ Citava ainda: que depois que eles assumissem matrimônio os seus deveres era só viver sem preocupação, que tudo o que eles precisassem ou necessitassem a natureza lhes oferecia.

Até porque a cultura das famílias que ali moravam era bastante forte, viviam da caça, pesca, coleta de frutas e o cultivo de pequenas agriculturas como mandioca, batata doce, milho comum ou milho cateto e milho 8 carreiras. A carne, a natureza criava pra gente. Nesses tempos não havia ferramentas para roçar e nem de capinar, então cultivavam a terra com pedaços de madeira, assim faziam suas roças, como dizia minha falecida vovó **Maria Josefa (Nĩkáj)**, uma grande Kujá e trabalhadora na roça e confeccionista de artesanato indígena kaingang da Terra Indígena Xaçecó que nos deixou há 30 anos.

O senhor **José Inácio (Kamrég)** dizia ainda “que a união das famílias era muito forte. Todos se ajudavam, por exemplo: quando um membro do grupo começava fazer sua roça, todos o ajudavam e assim era feito com os outros membros da aldeia. Isso ia do fazer a roça, a limpa e até a colheita, isso era uma parte muito boa da nossa cultura dizia ele. Tanto no roçado, na carpida, no plantio do milho, do feijão, da mandioca, da batata doce e até mesmo na coleta do fruto, nunca se fazia sozinho, sempre esse tipo de trabalho era feito em grupo e ao final do trabalho tudo o que era feito em grupo era de todos, (ou seja a união fazia a força e tudo o que era feito no grupo era para o bem de todos). E isso ia do começar a roça até a colheita, de safra em safra, e todos viviam felizes em harmonia com a natureza.

Nossas brincadeiras eram muito divertidas, trepava nas árvores, fazia balanço de cipó, nossos velhos faziam nós levantar bem de manhã ou seja as 6:00 horas, isso era quando os pássaros tinham dado seus primeiros cantos para gente ir no rio tomar banho e trazer água fresca para eles fazer seus chimarrões. Dona Divaldina Luís diz ainda que o banho na água corrente era pra ela levar todo o mal que tinha entrado em nossa alma no dia anterior, e assim dizia ela que nossa alma estaria pura e preparada para mais um dia de atividade, além disso havia também algumas ervas que eram usadas para a preparação de nosso corpo, tanto para o trabalho quanto para outras atividades da nossa

¹⁹ Luís, Divaldina. **Entrevista concedida a Claudemir Pinheiro em 08.10.2014.**

cultura.²⁰

Pedro Pinheiro (Sogjo) também diz que essa preparação era separada tanto pros homens quanto para as mulheres. Os homens eram preparados com ervas para caçar, para lutá, para ir para a guerra, e as mulheres eram preparadas para o casamento, para ter filhos e também para terem bem seus filhos e serem ótimas esposas para seus maridos. Nós aprendemos tudo isso porque a natureza nos ajudou, aprendemos cantar e dançar com os animais. Por isso a existência do **Kiki Koj**, um ritual de culto aos mortos. É nesse ritual que se envolve a maior parte de nossa cultura, onde devemos pintar o nosso corpo com nossas marcas tribais: o **Kamē** e o **Kanhru**, nome dado às metades kaingang.

As marcas **Kamē** e **Kanhru** nasceram junto com os dois povos no surgimento do povo kainang de uma montanha para o mundo. Diz a história, que numa bela manhã de sol nasceu o grupo **Kamē**, recebeu o nome de **kamē** por causa dos raios do sol (**Rārūi**), então esse grupo tem marcas compridas (**II**) tanto no rosto quanto no corpo. E mais tarde ou ao anoitecer, nasceu também da montanha o segundo grupo que deram o nome de **Kanhru** e sua marca é arredondada por causa do formato da lua (**Kysā**) (••). Então hoje somos o maior povo kaingang no Brasil que vai do norte do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul a São Paulo divididos em dois grupos (**Kamē**) e (Kanhru).

Estas são marcas que usamos para diferenciar um grupo do outro ou para conhecer os graus de parentesco. Assim os kamês são parentes e os kanhrus também são parentes um do outro. Nesse caso kamê não pode se casar um com outro, assim também é com os kanhru. De acordo com nossa cultura, só pode haver casamento entre um kamê e um kanhru ou um **Kanhru** com um **Kamē**.

De acordo com o depoimento do falecido pai do meu pai, **Irineu Pinheiro(Sórĩnhmág) 89 anos, morador da Aldeia Samburá**, que foi um dos conhecedores dessa parte da cultura, “a marca tribal **Kamē e Kanhru** para nós é como se fosse uma religião, muito respeitado por nós kaingang até os dias em que vivemos. Usar um desses tipos de marcas significava para nós um grande respeito entre o nosso povo, usar a metade tribal não era só fazer a pintura corporal para ficar bonito. Mas sabia que metade tribal me garantia muitos valores, como respeito aos meus **jamré** de metade opostas, quanto ao grau de parentesco, contra um devido matrimônio com uma pessoa da mesma marca minha, isso não poderia e não pode acontecer até hoje.

²⁰ Ibid.

Casar-se com uma pessoa da mesma marca minha é crime e seria a mesma coisa que eu estivesse casando com minha irmã, ou seja, pecando contra o mandamento de **Deus**. Se isso acontecesse minha alma nunca subiria pro mundo dos mortos, minha alma sempre ficaria penando pelos ares e meu espírito não descansaria.

CAPÍTULO II. CASAMENTO KAINGANG NO PASSADO

Já foi escrito que o casamento dos antigos Kaingang não é mais seguido na TIX.

Mas porque isso acontece agora não quer dizer que não se pode mais ter casamento como era no passado. O que falta para as novas gerações é conhecer mais o que era a nossa cultura Kaingang de antigamente, antes do contato com os brancos.

Na questão do casamento, os **Kófa** têm muito a dizer pros jovens, mas este hoje em dia não tem mais tempo para escutar o que os velhos dizem. Estão muito preocupados com escola, brincadeiras novas, trabalho e namoros. Nas escolas, os professores tentam trazer os **Kófa** de vez em quando nas aulas, e é nesses momentos que os jovens tem a oportunidade de saber mais sobre a cultura. Nas aulas ou nas casas deles mesmo, os **Kófa** gostam de falar sobre o tempo dos antigos e os casamentos sempre surgem nas conversas.

2.1. O casamento kaingang do passado nas narrativas dos **Kófa**

Segundo os **Kófa** já citados anteriormente, **José Inácio (Kamrég)**, **Pedro Pinheiro (Sogjo)**, e **Dona Divaldina Luís (D. Diva)**, no tempo que nossos velhos eram crianças e jovens era melhor de viver, porque tudo era mais tranquilo. Isso antes de nós ter o intenso contato com o povo não indígena e os grandes granjeiros que cobiçam a terra que moramos. **Dona Divaldina Luís (D. Diva)** diz em seu comentário:

nossos casamentos não era como os que acontecem hoje, quem marcava um casamento era nossos pais, então quando chegava a dia de marcar o casamento que a gente se encontrava. Aí sentávamos nós com os pais da gente e mais os pais do rapaz para nós conversar sobre o matrimônio e também ser aconselhado pelos nossos pais.²¹

O senhor **Kamrég** complementa dizendo, “eu quando eu fui casar com minha velha também passei pelo mesmo processo que a **D Divaldina Luís** fala, mas só pudemos se casar quando nós completamos maior idade, 18 anos. Porque na nossa cultura quando a gente assume uma família, tem que assumir todas as nossas responsabilidades familiares.”²² Ressalta ainda que ele quando se casou já usou roupas de noivo, terno, gravata, e a noiva, minha velha hoje, também usou vestido de noiva com véu e grinalda. “Fizemos festa, churrasco, depois fomos ao escritório do posto para nós assinar o papel do casamento e depois disso a noite houve um grande baile numa

²¹ Divaldina Luís, (08.10.2014)

²² José Inácio (Kamrég), (24.10.2014)

ramada perto de casa”.²³

Diz o meu velho pai **Pedro Pinheiro (Sogjo)**, “eu não me casei desta forma com sua mãe, a gente se conheceu em um baile dançamos juntos conversamos, depois disso agente começou a sair junto, fomos ao jogo, íamos nas carreiras de cavalos, um lugar onde é feito uma estrada reta de mais ou menos 500m, onde que corriam várias duplas de cavalos e venciam o melhor corredor.”²⁴ Continua ele a contar sua história com minha mãe:

E em um certo dia fui passear na casa da minha velha sogra e ao anoitecer fugimos dela com sua mãe. No outro dia, a minha velha sogra na época levou a gente para a sede do posto e apresentou nós pro cacique, que nos aconselhou, assinamos também um registro de casamento, depois prenderam nós em uma cadeia de madeira das 8 horas da manhã até meio-dia. Aí soltaram a gente para ir para casa, do meu pai é claro. Ficamos uns 15 dias com os meus velhos até eu construir para nós uma pequena casa. Depois de pronto nossa casa de imediato já fomos morar nela, e no primeiro ano de casamento nasceu você e assim fomos vivendo, plantávamos milho, feijão, mandioca, batata doce, e criava galinha e porcos para o sustento da família, e durante os anos que se passaram nasceram os outros seus irmãos.²⁵

Então conforme a conversa com essas pessoas, pode-se notar que eles gostavam muito mais daquele tempo passado, mesmo dizendo ainda que os tempos eram mais rígidos por parte de nossos velhos, mas a gente sempre vivia em paz e com uma boa educação que nossos pais nos ensinavam. Eu **Claudemir Pinheiro (Kurã Kág)**, tenho uma grande vivência e convivo até hoje com os índios mais velhos da minha Terra Indígena e também digo que a vida era bem melhor antes de aumentar o contato que aconteceu com os colonos e madeireiros que chegaram até nós. Eu particularmente também afirmo que isso um dia foi bem melhor.

De acordo com as três pessoas entrevistadas na opinião deles esse tipo de casamento nunca mais vai acontecer. Isso só ficou em nossas lembranças, o tempo foi mudando e nós também fomos esquecendo de coisa de nossa cultura. Tudo isso devido ao contato com os não índios. Sabe porque isso aconteceu? Aconteceu porque fomos obrigados, forçados a deixar das coisas da cultura que nós fazíamos para seguir os costumes dos não indígenas, começamos a ir na igreja, na escola, aprender ler, cantar, ou seja, fazer as coisas do branco, seguir os costumes deles. Se não fizessemos éramos

²³ Ibid.

²⁴ **Pedro Pinheiro(Sogjo)** (24.10.2014)

²⁵ Ibid.

castigados.

O castigo era trabalho pesado muitas das vezes sem se alimentar direito, o tronco era uns dos castigos muito forte, tristes e muito dolorosos. Então por isso dizemos que só resta lembranças do nosso passado. Hoje tem coisa de nossa cultura que ainda acontece, para nós do Oeste o que é muito forte na nossa cultura são as metades tribais **Kamē** e **Kanhru**, mas quando se fala em casamento kaingang são poucas as pessoas que sabem falar sobre isso, até porque isso não acontece mais há muitos anos em nossa TXI.

As vezes acontece alguns casamentos em nossa TIX, que são os casamentos que acontecem nas igrejas evangélicas, mas um casamento que na maioria são os evangélicos que participam dessa cerimônia. Nosso caso (católico) é muito raro isso acontecer.

Aí enfrentamos um grande problema por parte dos não indígenas, onde que vem a questão de discriminação e rebaixamento do nosso grupo, dizendo que nós somos um povo sem cultura, um povo que deveria viver como seus antepassados de 100 anos atrás, mas muito das vezes esquecendo que foi mais ou menos nesses anos que acontecia o grande contato com o povo europeu que aqui chegavam para destruir com a nossa cultura e desbravar a nossa mãe terra.

Muitos dos nossos antepassados eram usados como mão de obra nos serviços desses europeus que eram na maioria colonos e madeireiros, aonde que fomos obrigados aprender a se comunicar com eles somente em sua língua e a viver de acordo com sua cultura, deixando a nossa completamente em segundo plano e em alguns dos casos esquecendo de nossa cultura de uma vez por todos, então é aí que começamos a aprender a conviver com costumes e cultura de um outro povo que em nosso meio se instalava para mudar completamente nosso modo de ser e de viver.

E hoje está aí, na vista de todo mundo, o quanto a gente sofre para manter uma pequena porcentagem de cultura que ainda resta para nós, mas que nos dias de hoje na maioria das coisas da nossa cultura que tentamos manter vivo, somente pode ser através dos relatos pelas pessoas mais velhas da aldeia, onde que nós professores buscamos juntos com nossos alunos usar as pessoas mais velhas para dar informação de nossa cultura. Pelos seus relatos, se escreve e se passa os conhecimentos para os demais alunos e crianças das nossas aldeias. Só assim se consegue manter viva alguma parte da nossa cultura. Através desses diálogos com os mais velhos, complementamos as pesquisas que são feitas tanto por nós professores indígenas quanto as dos pesquisadores não indígenas que de uma forma e de outra fazem seus trabalhos e

deixam escrito algo sobre o nosso passado.

2.2. A preparação para os casamentos

Voltando a falar dos casamentos do passado, segundo dona Divaldina, quando seus pais se casaram, foi feita uma cerimônia tradicional, usada dentro da cultura naquela época. Diziam os pais dela que quando um jovem e uma moça já tinham idade e responsabilidade para assumir um matrimônio, uma cerimônia era programada pelos pais dos jovens.

Diz ela que seus velhos contavam que os jovens casais se casavam conforme a cultura, porque era somente com a obediência das regras da cultura que a cerimônia ia dar vida a seus casamentos. Uma parte da cultura muito respeitada era as metades tribais. Os jovens só assumiam um matrimônio se eles fossem de metades opostas, ou seja, o jovem da metade Kamẽ e a moça da metade Kanhru ou vice versa. D. Diva disse também que naquela época não podia haver casamento entre pessoa da mesma metade, porque os dois eram considerados parentes, como se fossem irmãos ou primos muito próximos. Caso o casamento com a mesma metade ocorresse, os noivos seriam considerados bichos, porque um casamento assim era mesmo que se assumisse um matrimônio entre irmãos e no futuro seus filhos seriam considerados como bichos dentro da cultura kaingang.

Nos tempos antigos, os rituais que envolviam a cerimônia de um casamento eram bem diferentes dos que acontecem hoje. Primeiramente, o casamento era tratado pelos pais dos futuros noivos sem eles saberem e eles só iam se conhecer depois do casamento tratado e firmado pelos seus pais. Então os pais do noivo convidavam ele para um passeio, esse passeio seria na casa da noiva, mas ele nem sabia. Chegando na casa da noiva, conversa vai e conversa vem, eles davam a notícia aos jovens. Só então eles ficavam sabendo do que se tratava.

Então, a partir desse momento, começava algum preparo dos jovens para o casamento. Uma boa parte do preparo eles já conheciam, porque aprendiam com seus pais. Por exemplo, o noivo já sabia trabalhar na roça para plantar pequenas culturas, tais como mandioca, batata doce, milho e feijão e alguma criação de animais, como porcos e galinhas que iria ajudar no sustento do jovem casal. Também o jovem já sabia caçar e pescar, pois estas eram atividades que os meninos tinham que saber, porque sabendo

isso poderiam conhecer bem a mata e não se perdiam nela. Sabendo pescar, iriam saber nadar e não iam correr os riscos que as naturezas lhes ofereciam.

A moça deveria saber cuidar de casa, fazer comida, lavar roupas e tratar dos animais que seu marido criava para o sustento dos mesmos. Além destas atividades, a moça aprendia desde criança a tecer os cestos e balaios que as mães faziam para vender. A cestaria era e é ainda hoje uma forma de ajudar no sustento da casa.

Figura 2. Autor em entrevista com Dona Divaldina Luiz. Aluna Julcieli de Oliveira Belino



Fonte. Acervo do autor, 2014.

Da mesma maneira que também a mãe não mudava muito seu corpo pós o parto.²⁶

Então pela parte da moça esses são alguns dos principais cuidados e preparos que uma mulher deve saber quando chegava na fase de sua adolescência, porque tanto os pais quanto ela sabem que a partir daquela fase, ela deve estar preparada para uma nova fase de sua vida, que é se casar e construir uma nova família.

Quando uma menina Kaingang chegava na fase de adolescente, começava a preparação de resguardo necessário para uma jovem moça. A moça ficava em casa aprendendo com sua mãe vários tipos de preparo que uma menina tinha que ter e saber

²⁶ Divaldina Luís, 08/04/2014.

²⁷ Julcieli de Oliveira Belino, 13 anos. Aluna da EIEF Pinhalzinho

para cuidar de seu corpo.

Um dos maiores cuidados que deveria saber era conhecer algumas ervas para banhar seu corpo e ter uma pele mais bonita e preparada contra algumas doenças que afetam a pele. Também aprendia alguns chás para tomar e preparar seu corpo por dentro para uma futura gravidez do primeiro bebê. Nesses casos, tanto o corpo da mãe ficava preparado quanto o corpo do bebê nasceria saudável e sem problemas de saúde.

Ainda hoje pela cultura de nossos velhos, esse tipo de cuidado ainda permanece em suas memórias. Os avós de uma criança kaingang, por exemplo, quando nasce um neto ou uma neta, sempre dão banho, dão chás de ervas medicinais. A gente nunca teve a curiosidade de perguntar porque eles faziam aquilo, mas quando conversei com o kujá José Inácio (Kamrég) e a Dona Diva, eles me contaram o porquê que eles faziam aquilo.

Falaram que faziam aquilo com a criança pra que ela sempre fosse saudável e para que tivesse seu corpo bem protegido contra doença e contra mau olhado, contra a inveja de outras moças e o mais principal, ter seu corpo preparado para quando ser mãe nada de mal lhe acontecesse. Esses eram alguns dos cuidados e resguardos que a mulher tinha que ter para se casar e saber durante toda sua vida.

2.3. As tarefas que os homens tinham que cumprir para garantir o sustento da família

De acordo com a conversa que tive com os **Kófa**, os homens tinham tarefas a cumprir antes mesmo de chegarem na fase de sua adolescência, dizem eles que os meninos começavam desde muito cedo seu aprendizado com seus pais. Os meninos quando chegavam numa idade de cinco anos, já começavam a ir com seus pais no mato para caçar, ao rio para pescar, na roça para ficar perto do seu pai para observar ele trabalhar ou subir e descer das árvores.

O aprendizado muito comum em nossa cultura era a relação homem/natureza. Aprendia-se desde muito cedo com nossos pais, como utilizar alguns tipos de ervas medicinais. Por exemplo, fazer remédios para passar no corpo, para espantar a cascavel, fazer chás para tomar contra a dor no corpo ou de barriga. Algumas dessas ervas eram utilizadas pra que os homens se tornassem bons caçadores, pescadores, corredores e para terem bons olhos, tanto para caminhar a noite quanto pela parte do dia.²⁷

²⁶ Divaldina Luís 08/04/2014.

²⁷ Inácio, José (Kamrég) 08/10/2014

Então quando os meninos chegavam na fase de sua adolescência e depois na fase adulta, muitas coisas eles já sabiam e já tinham seus próprios conhecimentos sobre a vida na natureza, e estavam preparados para constituir sua própria família, porque inclusive já tinham suas próprias roças e seus próprios animais, como: galinha e porcos que seus pais lhes davam, tanto pela sua ajuda nas roças quanto pelo trabalho por fora que faziam para outros na comunidade. Pedro Pinheiro (Sogjo) complementa dizendo que aprendeu muitas coisas de trabalhos com seu tio José Ricardo:

Aprendi desde muito cedo com ele a fazer roçado, para plantar milho e feijão que iria ajudar tanto para nosso sustento quanto para o comércio que seria para comprar outras coisas que a gente não plantava. Eu era solteiro nessa época e juntava uns trocos para casar. Vendíamos ou trocávamos o milho, o feijão no comércio, por açúcar, sal, sabão e alguns pedaços de tecidos na época conhecido como fazenda, que servia para nossas mães fazer calça e algumas camisas para nós.²⁸

Então conforme fala o Kamrég e a dona Divaldina, tudo isso eram as tarefas que os homens aprendiam desde muito cedo, para quando chegassem na fase de adolescência ou de um casamento, já tinham os meios de garantir o sustento das esposas e dos filhos. Então o principal objetivo desta história para nós homens era o trabalho.

2.4. Onde os noivos iam morar após o casamento

Mais uma vez Dona Diva apresenta a sua versão sobre esta questão que envolve o casamento. Segundo seu depoimento, quando acontecia um casamento e quando acabavam todas as festividades, o noivo e a noiva iam direto para casa dos pais do noivo. Ficavam junto com eles, até os recém casados construírem uma moradia para eles. Nesse caso, havia uma ajuda de ambas as partes dos pais tanto do lado do marido quanto do lado da esposa.

Cada um ajudava como podia, cortando madeira, construindo telhado, fazendo o piso, enfim, na mão de obra geral, até aprontarem a casa para seus filhos. As mães dos noivos também faziam sua parte de ajuda para o casal, dando-lhes pratos, talheres, roupas de cama e até mesmo ajudando com algumas galinhas para criarem no começo da nova fase de suas vidas. Após isso, seus pais sempre continuavam lhe ensinando como lidar com essa nova fase, aconselhando tanto o homem quanto a mulher.

²⁸ Pedro Pinheiro (Sogjo), 24/10/2014.

²⁹ Juremas da Silva (Rimūkà) 24/10/2014.

Dona Jurema da Silva (Rimũká) fala do tempo em que se casou com Pedro Pinheiro (Sogjo). Diz ela que quando conheceu ele, após vários encontros, ele a levou ela para casa de seus pais. No outro dia depois de serem apresentados para as lideranças da época, receberam conselho e foram de volta para casa cuidar de seus trabalhos.

Enquanto ela ficava na casa da sogra ajudando nos afazeres de casa, seu esposo Pedro Pinheiro (Sogjo) trabalhava na roça tanto para ele quanto para os vizinhos, a roça que fazia para os outro era para ganhar dinheiro para comprar madeira e construir uma pequena casa só para eles morarem, e a roça que ele fazia pra ele era para ajudar no nosso sustento enquanto nós estivéssemos morando com o sogro:

Aí quando ele fez nossa casa a gente passou a morar nela, e aí enquanto ele trabalhava na roça eu lidava com artesanato para também ajudar ele no nosso sustento, trocando os artesanatos por mantimentos e por algumas roupas para nós e assim fomos vivendo até que você nasceu e colocamos seu nome de Claudemir o futuro guerreiro da família Pinheiro. E nossa vida foi mudando devagarinho pra melhor, ganhamos uma casa mais boa, seu pai teve um outro emprego e também nasceram seus outros irmãos. Essa é um pouco de nossa história enquanto vivemos com seu pai e um pouco da história de nossa cultura que por si sempre foi muito boa de se viver, tempos muito harmoniosos que não voltam mais e que hoje só nos resta lembranças.²⁹

Então, concluindo esse capítulo, é possível dizer que os Kaingang sempre foram de se ajudarem muito, quando precisassem. Na questão do casamento, os noivos sempre encontravam apoio dos parentes se tudo fosse feito certinho, conforme manda a tradição. Os pais ofereciam suas casas para os noivos caso eles ainda não tivessem, depois ajudavam a construir a casa nova, de preferência bem perto da sua. É disso mesmo que sentem mais falta os velhos que entrevistei, pois como eles mesmo dizem hoje em dia os jovens casam e ficam e ficam pouco tempo juntos, muitos fazem isso para se livrar dos cuidados de seus pais, e fazer o que bem entendem de suas vidas.

CAPÍTULO III. CASAMENTO KAINGANG NO PRESENTE

²⁹ Jurema da Silvia, 08/10/2014

3.1. Os casamentos e o sentimento dos jovens

Hoje boa parte de nossos adolescentes não conhecem nossa cultura, vejo que as coisas acontecem sem mais nem menos, por exemplo: a questão dos casamentos! Quase não é respeitado mais as fases de idade para um jovem e uma moça se casarem. Na maior parte dos casos, nem sai mais casamento, porque um menino e uma menina se conhecem num primeiro dia e num segundo dia já estão juntos, um casamento precoce, ou seja, casamento de poucos dias, porque são muito novos. Sem preparação para assumir responsabilidades familiares, logo se separam e vivem sozinhos perambulando pela rua sem poder trabalhar até porque não têm idade para trabalhar.

Muitos dos jovens Kaingang de hoje se casam com 13, 14 e 15 anos. Muitos vivem juntos, principalmente aqueles que os pais ajudam até atingirem a maioridade. Aí sim, já estão preparados para assumir sua nova família, porque durante o tempo que ficaram sendo cuidado pelos pais, passaram por conselho, aprendendo como o casal tendo que se comportar a partir daquele momento de vida a dois. Então quando eles atingem sua idade já sabem bem o significado de como assumir uma nova jornada.

Segundo conta Dona Diva, na nossa Terra Indígena Xapecó, esse tipo de matrimônio do tipo tradicional já não acontece mais. Em alguns grupos kaingang muita coisa da cultura ainda se preserva e em alguns outros, cada um tem a liberdade de escolha para a realização de seus casamentos. Em algumas Terras Indígenas kaingang, a maioria da sua população já não tem mais conhecimento das nossas metades tribais kamẽ e kanhru . Até porque essa parte da nossa cultura era bem forte até os anos de 1998 a 2000, agora já enfraqueceu bastante. Digo isso porque nessa época o **Kiki Koj**³⁰ era sempre realizado em nossa aldeia.

Valorizar o **Kiki Koj** e as metades tribais é importante porque é daí que começa nosso respeito aos graus de parentesco, porque os **Kamẽ** são parentes um dos outros por causa da sua marca e assim também é com os da metade **Kanhru**. Mas como há muitos anos não se realiza mais esse ritual, nossos jovens de hoje não têm mais o conhecimento dessa nossa tradição que um dia foi muito forte em nossa cultura.

Então se nossos jovens de hoje nem se preocupam mais com isso, eles

³⁰ O Kiki Koj é um ritual de homenagem aos mortos, onde por três noites seguidas se acendem fogueiras e os dois grupos das marcas tribais se faziam presentes. Nesta ocasião os Kamẽ faziam seus rituais na fogueira oposta ou seja ficavam do lado do Pôr do Sol e os Kanhru ficavam do lado do Nascente. Porque acontece no ritual, porque quem pra alma (espírito) do Kanhru é o Kamẽ e assim vice e versa, por que eles trocam de lugar ou seja ficando na fogueira do outro, mas lembrando que isso acontece só no ritual.

desconhecem as metades e muitas das vezes acabam pecando, pois se casam com pessoas da mesma metade. Dona Diva diz que, em muitos casos da atualidade já não são mais os pais que organizam os casamentos de seus filhos. Hoje o rapaz conhece uma moça e no dia seguinte já estão juntos, sem saber algum procedimento preciso da nossa cultura até porque ninguém mais conhece isso.

Nesse termo de casamento atualmente, quase não se encontra nem uma menção à questão das metades tribais. Muitas vezes, se for analisar, cada jovem desses possui a sua marca de metade tribal, mas não sabe dar informação sobre a qual pertence ou como cultivar essa tradição cultural do nosso povo. Nos dias de hoje, muitos rapazes e moças se casam com pessoas da mesma metade devido à falta de informação sobre a cultura, pois seus pais também desaprenderam ou não consideraram mais importante ensinar isso pra eles. A pouca idade com que muitos se casam é uma das causas desse esquecimento das tradições. Com relação à idade certa para casar, Dona Diva diz que:

Nossos filhos se casam sem ter uma idade certa ou seja antes de fazer 18 anos e por, isso acaba acontecendo muita separação de casal até porque eles têm pouca idade e muito menos ainda, não sabem ter compromisso com seus deveres. Isso acaba ficando muito difícil para eles quando chegam na fase adulta, devido seu casamento precoce.³¹

Mas há casos em que os casamentos entre os jovens dão muito certo e eles acabam vivendo junto por muito tempo. Não vou especificar casos, até porque são muitos os que acontecem, mas há também casos controversos, de jovens que se casam e vivem juntos pouco tempo.

De acordo com minha pessoa e as minhas observações feitas pela convivência que tenho com a maioria dos jovens da T.I Xapecó, vejo nas conversas dos jovens que eles não falam sobre o casamento. Também porque já se passam anos que não sai mais casamentos da tradição kaingang na nossa Terra Indígena. Temos em nossa aldeia homens e mulheres com 30, 40 anos que se lembram que viram ou participaram de um matrimônio cultural na nossa aldeia, mas contam que já participaram muito mais de

³¹ Divaldina Luís, 08.10.2014

casamentos que são matrimônios comuns, como qualquer um outro que acontece lá fora (casamento não indígena).

Conversando com minha irmã, Margarete Pinheiro de 39 anos, residente na Aldeia Sede, ela me disse que nunca foi orientada pelos nossos pais para que quando chegasse a adolescência procurasse se casar em um casamento cultural ou até mesmo em um casamento comum como qualquer um desses que acontece hoje, de terno e gravata, de vestido de noiva, na igreja, com festa. Diz ela ainda que:

Quando eu conheci o meu marido eu tinha 15 anos, e dentro de duas semanas que a gente fugimos da casa do nosso pai e no outro dia os meus pais e mais os pais do meu marido levaram nós no escritório do posto, aí conversamos com o cacique Valdo e suas lideranças, fomos aconselhados por eles, disseram que a partir daquele dia nós era uma nova família e que deveria de cuidar um ao outro, ele trabalhava pra trazer alimento pra casa e eu cuidava da nossa casa, disse também que nós não deveria andar brigando e nem ter ciúme um do outro, porque aquilo seria a pior coisa que poderia prejudicar a vida de um casal. E estamos juntos até hoje. Tenho também três filhos, uma menina e dois guris, todos eles também se casaram da mesma forma que eu me casei com o pai deles, só que hoje já são bem mais diferente que nós. Por exemplo só a menina que está com o primeiro marido dela ainda, mas os guris se deixaram, se casaram com outras, um pouco estão sozinhos e assim vão levando a vida, um pouco casado um pouco descasados, as vezes voltam com a primeira esposa e assim vai, e na maioria dos casos de casamentos ou matrimônio são assim, principalmente dos jovens de hoje...³²

Eu Claudemir Pinheiro, 41 anos, residente na Aldeia Olaria, também quero deixar aqui minha opinião sobre o que penso em relação aos casamentos da atualidade. O meu caso não é diferente de muitos já narrados aqui, pois quando eu me casei com minha esposa, a 20 anos atrás, primeiro a gente se conheceu e quando se passaram mais ou menos três semanas eu levei ela escondido de sua avó. Por isso, fomos levados ao escritório do posto e também fomos aconselhados pelo cacique e suas lideranças. Não chegamos a casar nem na tradição, nem na igreja católica e vivemos até hoje sem assinar nenhum papel de compromisso de casamento. Isso não impede a gente de fazer parte dos membros de organização da comunidade (associações).

Já comentei antes que uma grande questão dos nossos jovens de hoje é que eles estão se casando muito novos. Isso é de maneira geral nas Terras Indígenas dos Kaingang em toda a região sul. Na minha aldeia, existem meninos e meninas que estão assumindo a vida a dois com idade de 13, 14, 15 anos em diante. Muitos desses casais não vivem muito tempo juntos, porque são muito novinhos e não tem aquela

³² Margarete Pinheiro, 39 anos, entrevista concedida a Claudemir Pinheiro em 21.10.2014.

responsabilidade que se cobra de um homem casado. Muitos não têm nem responsabilidade por si próprio e muito menos para assumir casamento.

Mas há algumas exceções em certos casos de jovens casais que se casam muito novinhos e conseguiram encarar a responsabilidade da vida matrimonial como uma pessoa bem mais adulta. Vivem muito bem, e muitos já têm seus filhos, que criam dando grandes exemplo de vida, de respeito, de educação e de como viver dentro e fora da aldeia.

Exemplos dos dois tipos de casos a gente vem observando em nossa TIX, mas, como sou nascido e criado na TIX e tenho um bom conhecimento sobre a cultura kaingang, posso afirmar que quando se fala em casamento na atualidade, percebo que a maioria dos jovens que se casam não dão muita importância sobre o casamento tradicional, preferindo o casamento atual. Atual que eu digo, não precisa ser nem na igreja, mas aqueles em que se juntam e vão morar com os pais ou perto deles, sem assinar nenhum papel ou mesmo falar com o cacique.

Vejo que na maioria dos casamentos que acontecem na TIX, há uma grande preocupação com a festa e não com a cerimônia. A maior preocupação é fazer o melhor possível para agradar os familiares dos noivos e seus convidados, isso quando acontece um casamento de jovens que noivam antes. É muito raro ver um casamento comum desses que acontecem hoje por aí em nossa volta, com terno e gravata, vestido de noiva véu, grinalda, muitas festas com churrascos, bailes e muitas bebidas.

Na maioria desses casos, tenho observado que tanto os pais quanto os jovens de hoje, não preparam ou nem tem uma preparação cultural e nem sabem o que é uma tradição de um povo. Nossas crianças de hoje, quando chegam na idade de 12,13 anos em diante, já pensam em se casar para construir uma família, ter um lar, ter filhos. Vivem muito pouco da sua infância, principalmente as meninas Kaingang.

Aí vem a questão que me traz dúvida e preocupação: será que um dia os casamentos tradicionais voltarão a acontecer? Digo, tradicional da nossa cultura, como acontecia no passado, um casamento com preparação cultural, com as metades sendo obedecidas e os rituais dos Kujá abençoando os casais. Sinceramente, acho que será muito difícil. Penso que isso são coisas que só vão ficar nas nossas memórias e lembranças.

Conversando com alguns jovens que também já assumiram um matrimônio, pude perceber que muitos deles nem tem muita preocupação de como vão realizar seu casamento. Para saber um pouco mais sobre esta história resolvi conversar com alguns de meus irmãos que se consideram casados, mas que seus matrimônios não aconteceram

nem no casamento tradicional kaingang nem nesses casamentos que acontecem hoje.

Então a pedido deles eu não pude escrever seus nomes e os chamo de “irmãos”. Só assim eles disseram que podiam me descrever o que eles pensam sobre o casamento da atualidade. Conforme opinião dos meus dois irmãos, eles dizem:

A gente não tem muito conhecimento de como era os casamentos dos nossos velhos, algumas coisas sobre isso ouvimos quando estamos a perto de alguns grupos de velhos que estão contando causo sobre o passado. Mas para nós isso é só mais uma história do passado deles. Então a gente nem dá muita importância para isso. Veja nós nem se casamos com nossas esposas! Só se conhecemos ficamos alguns tempos de uns 15 a 30 dias namorando, depois trouxemos elas para casa e hoje estamos aí juntos, temos nossos filhos, vivemos em paz, com alegria e é isso para nós hoje o mais importante é ser feliz, e como falamos anteriormente, para nós o casamento tradicional é só mais um passado dos nossos velhos e que sempre vai ser contados pelos nossos pais, nossos tios, por vocês professores que pesquisam e tentam mostrar isso para nós e nossas crianças. Sabe porque falamos isso! Porque nunca mais isso votará acontecer. Estamos num mundo moderno, aonde tanto nós indígenas temos que conviver com a evolução, mesmo sendo diferente. Como que vamos fazer uma coisa tradicional se temos pouco conhecimento do passado dos nossos velhos? Não tem como. Mas sempre temos que estar em contato com nossos velhos e eles contaram história do passado para nós, para nossos filhos e que sempre iremos ter isso em nossas memórias.³³

Como já disse e meus irmãos confirmam, os costumes kaingang mudaram com a modernidade e isso atingiu também as relações dos casamentos. Estes casamentos tradicionais vivem apenas na memória dos Kofás e por mais que eles peçam para serem feitos como antigamente, os casamentos só ocorrem na forma moderna. Isto é, nas igrejas católica e evangélica e as vezes nem isso, somente o casal indo morar junto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

³³ Opinião de dois irmãos meus, moradores da Aldeia Olaria. Dia 22/12/2014.

Todas as descobertas que fiz com a pesquisa sobre o casamento kaingang no passado e na atualidade me levaram a concluir que o mesmo passou por grandes mudanças ao longo dos anos. Durante a presente pesquisa conversei e entrevistei muitas pessoas da Terra Indígena Xapecó, sempre questionando sobre o casamento kaingang e outros assuntos. Nestas conversas e entrevistas, foi possível compreender um pouco da concepção que os kaingang tem quando se fala em matrimônio. Percebi a tristeza dos Kófa quando afirmam que os tempos antigos eram melhores que o tempo atual, principalmente porque se vivia mais na tradição, na cultura kaingang. Ficam tristes por perceber que um importante aspecto da cultura está completamente abandonado, que é o casamento.

Dentro deste contexto, pude perceber que havia verdade no que os Kófa disseram, porque o casamento tradicional é uma das atividades menos praticadas em nosso grupo. O casamento para nós hoje é coisa que acontece sem se preocupar se ele deve ser tradicional ou não. Para nós, são as mesmas características de um casamento não indígena que hoje está em nossa cultura. Muitos matrimônios, tanto os casamentos que acontecem oficialmente ou aqueles que se conhecem e em poucos dias vão morar junto, são poucos duradouros, pois a vida a dois requer muita responsabilidade e fidelidade do casal. Por outro lado, tem aqueles que mesmo assumindo um relacionamento muito cedo conseguem viver por muito tempo ou nem se separam, mostrando que pra ser feliz no casamento não é preciso papel e sim amor.

Por isso digo que mesmo os jovens ou a maioria deles não ligando pra seriedade do casamento, eles vão aos poucos compreendendo que para ser feliz na vida deles, é preciso assumir responsabilidades. Isso não importa se tenham 13, 14 ou 15 anos, pois na vida não existe idade para ser responsável, desde que tenha uma boa orientação dos pais ou na escola. Se os casamentos antigos não voltarem, que seja respeitada pelo menos a memória dos Kófa que lembram deles com muita saudade e com tristeza de não poder mais assistir eles na atualidade.

Por fim, digo que a presente pesquisa não se esgota com a finalização deste trabalho de conclusão de curso. Teria ainda muitas outras pessoas para entrevistar e muitos livros e documentos para ler, o que o pouco tempo não deixou. Os meus estudos referentes a esta questão entre nós kaingang da T.I.X são recentes e esta pesquisa é um dos resultados até então escritos que pretende contribuir com as outras pesquisas elaboradas. Pretendo dar continuidade a esta pesquisa abordando outras questões que não foram privilegiadas no presente trabalho de conclusão de curso, que poderá ser

continuado quem sabe num projeto de pós-graduação ou até mesmo em um mestrado, assim espero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Ítala. **O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul**. Pesquisas. Unisinos, IAP. 1975.

MABILDE, Pierre A. Booth. **Apontamentos Sobre os Indígenas Selvagens da Nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul**. São Paulo: IBRASA; INL Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

MARCON, T. **História e cultura kaingang no sul do Brasil**. Passo Fundo. Gráfica ed. Universidade de Passo Fundo, 1994.

MELATTI, D.M. **Aspecto da Organização Social dos Kaingang paulista**. Brasília. FUNAI. 1976.

NACKE, A. **O índio da terra a luta pela sobrevivência no P. I. Xapecó SC**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). UFSC. Florianópolis. 1983.

NÖTZOLD, Ana Lúcia. **Nosso Vizinho Kaingang**. Florianópolis, Editora UFSC, 2003.

OLIVEIRA, M. C. **Os Curadores Kaingang e a Recriação de suas Práticas: estudo de caso na Aldeia Xapecó (Oeste S.C)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia social). Florianópolis, UFSC, 1990.

Fontes Orais:

IRMÃOS, **Entrevista concedida a Claudemir Pinheiro** em 20.10.2014

PINHEIRO, **Claudemir** em 21.10.2014

PINHEIRO, **Pedro**. **Entrevista concedida a Claudemir Pinheiro** em 24.10.2014.

LUIZ, **Divaldina**. **Entrevista concedida a Claudemir Pinheiro** em 08.10.2014.

INÁCIO, **José**. **Entrevista concedida a Claudemir Pinheiro** em 24.10.2014.

PINHEIRO, **Margarete**. **39 anos**. **Entrevista concedida a Claudemir Pinheiro** em 21.10.2014.

SILVA, **Jurema**. **63 anos**. **Entrevista concedida a Claudemir Pinheiro** em 20.10.2014